

Psicanálise na arte, a Arte na psicanálise: Parte 3¹

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

O que a arte, *lato sensu*, procura no fundo exprimir? Indagação que fizemos no artigo anterior (parte 2).

Existiria um sentido pulsional do recurso da civilização à arte? A arte não seria uma maneira de exprimir as necessidades pulsionais originárias? E, portanto, inescapáveis? Uma Busca em descarrega-las?

A psicanálise nos ensina que todo aquele que faz uma pergunta tem alguma resposta para ela, mesmo que saiba que não é certa. Portanto, quando começo com essas indagações, deixo antever que tenho respostas para essas questões. Respostas que não são absolutas, mas que possuem seu grau de veracidade. Com isso não desejo ser mal compreendido e dar a entender que podemos reduzir o alcance da arte ao campo do psíquico. Espécie de psicologismo que a própria psicanálise denuncia.

Tudo que se quer nesse espaço de texto é buscar compreender psicanaliticamente algo da arte que guarda uma relação estreita com nossos mecanismos psíquicos (sobretudo inconscientes) e pulsionais, e, que na verdade, estão completamente envolvidos com o fenômeno da criação. A necessidade da criatividade, a urgência por criar que nos fala Heine e que nos permite recuperar-se da enfermidade. A criação como processo de cura que procurei dar ênfase na primeira parte dessas reflexões.

Nesse primeiro momento tento deixar claro que estamos tratando, não só da arte, mas do valor geral da *função cultural* para a economia dos bens civilizatórios. Pois essa função da cultura se apoia nessa necessidade, que possui um sentido antropológico, e que gera um estado de tensão inevitável.

Freud nos mostra que há dois caminhos pelos quais essas tensões podem ter sua descarga. Caminhos opostos, mas ao mesmo tempo, complementares: ou ela se dá “*pela dominação do mundo exterior*”, que significa extrair a satisfação diretamente desse mundo; ou, não se tendo esse domínio, as “*tendências afetivas*” insatisfeitas, irão buscar nas formações culturais superiores, nas “*produções intelectuais, científicas, artísticas*”, um modo específico de alívio. Tornam-se essas formações instrumentos para possibilitar essa descarga pulsional.

A arte irá oferecer uma perspectiva de saída para a tensão através desse segundo caminho: uma vez que da realidade não se é capaz de

¹ Artigo escrito em 03/09/2018

obter os meios de satisfação, sua função cultural seria a de afastar a influência dessa realidade que poderia afetar a vida emocional do sujeito. Tendência similar, e até em certo sentido mais intenso, seria a filosofia. Através do sentimento da *“onipotência das ideias”*, a filosofia irá fornecer esse canal de escoamento das tensões. Numa linguagem bem freudiana vê-se a atuação de um *“princípio determinando que se evite o desprazer”*. Segundo esse princípio ordena-se que evitemos toda a excitação vinda do mundo exterior ou das afeições internas geradas, fugindo-se das necessárias adaptações à realidade. O aspecto especulativo e o exercício das racionalizações tentariam dar conta das demandas pulsionais insatisfeitas.

É evidente que Freud aponta, sem evidentemente desprezar essas formações culturais superiores pelas quais tinha enorme apreço, que esse princípio de “não-desprazer” seria impróprio e provisório enquanto o “Princípio da realidade”, de adaptação ao mundo exterior, seria mais adequado e mesmo esperado dentro da perspectiva do processo de desenvolvimento psicológico. Isto é, a medida que vai se dando o progresso da *“dominação do mundo pelo homem”* o *processo primário* movido pelo princípio da busca do prazer e evitação do desprazer, vai cedendo lugar ao *processo secundário* que se move pelo princípio da realidade.

Na visão mais científica de Freud, homem do Iluminismo, a principal ferramenta que dispomos para desenvolver essa dominação do mundo exterior não é outra senão a ciência. Estrutura que encarna o princípio da realidade.

Portanto, as formações psíquicas superiores de que fazem parte a arte e a filosofia, seriam por esse prisma analítico aqui tratado, tentativas intermediárias de *“criar compensações para a satisfação insuficiente das necessidades”*. Modelos de *satisfações substitutivas* que partem do *animismo*² primitivo, de que são em parte prolongamentos, antes do que se possa atingir o ideal do desenvolvimento adaptativo que seria oferecido pelo mundo científico³.

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).

² Animismo é um tipo de crença religiosa muito comum na antiguidade e que persiste até os dias de hoje. O pensamento animista procura atribuir características pessoais e humanas a elementos da natureza como o mar, a floresta, o vento, o céu etc. O animista, a rigor, toma a ordem da realidade pela ordem de seus desejos.

³ O que não quer dizer que o discurso científico, fugindo de sua própria cientificidade, não possa servir com certa frequência de um meio compensatório para lidar com as insatisfações e fugir do próprio objeto da ciência.